

O PESO OSTENTATÓRIO NO TRAJE MAJESTÁTICO E INSÍGNIAS DE DOM PEDRO II

Vieira, Gina R. Reis; Mestre; Universidade Federal da Bahia, gicarr@gmail.com¹

RESUMO

Este artigo lança um olhar à noção de joia que se conforma historicamente com a Revolução Científica. O corpo passa a se mostrar fechado como reflexo de uma cultura humanista, em que biológico, cultural, sobrenatural e divino se desconectam, e até mesmo a religião assume contornos estruturados por meio dos estudos teológicos. O homem assume uma posição crítica apreendida como elevada e centra sua atenção nos anseios do mundo que o cerca. O corpo fechado (DE CAMPOS, 2021) se vincula à percepção de status social diante de um cenário em que a concentração de riqueza expressava os domínios social, cultural e político, que deveriam ser exibidos por esses corpos. Investia-se, logo, nas vestes e, principalmente, em joias exuberantes, raras e brilhantes. Para esse corpo fechado, apresenta-se uma joalheria de peso, que será representada através de uma imersão na composição do traje majestático e nas insígnias régias usadas por D. Pedro II em sua coroação, em 1841, e, posteriormente, nas solenidades de abertura e encerramento das sessões do parlamento brasileiro. A pesquisa foi realizada a partir do acesso à exposição online *O simbolismo no traje majestático usado pelo imperador D. Pedro II*, promovida pelo Museu Nacional, de Petrópolis (RJ), através da plataforma Arts and Culture do Google (2022). A reflexão parte da compreensão da corporeidade humana como fenômeno cultural e social, através de David Le Breton, em *A sociologia do corpo* (2007), que considera a corporeidade tomada por atravessamentos socioculturais que reconhecem a aparência como um capital, “cujas fontes devem ser gerenciadas da melhor maneira possível para que o melhor rendimento possa ser alcançado ou simplesmente para que não se prejudique por demasiada negligência” (LE BRETON, 2007, p. 78). O corpo como objeto concreto de investimento coletivo exerce um papel essencial de expressividade pessoal através da maneira como se apresenta e se representa, ou melhor, das aparências como resultado de ações que envolvem maneira de se vestir,

¹ Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Cultura e Sociedade pelo Pós-Cultura (UFBA). Professora Substituta na Faculdade de Comunicação da UFBA. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura.



de se cuidar e, em especial, de se adornar. Renata Pitombo Cidreira, em *As formas da Moda: Comportamento, estilo e artisticidade* (2013, p. 26), destaca a visualidade da composição da aparência, associada aos gestos e posturas, como marcas sociais que acentuam diferenças e aproximações entre grupos, classes, indivíduos, que permitem “exercer sua capacidade de transcender-se, em direção a um comportamento novo, em direção ao mundo exterior ou em direção a outrem” (2013, p. 116). Ao se projetar essa aparência por meio do adorno joia, a presença do sujeito é acentuada por um narcisismo dirigido para fins de valorização e de troca de símbolos, que tem no corpo “um *alter ego* de onde emanam sensação e sedução” (LE BRETON, 2007, p. 87). Essa compreensão pode ser notada ao longo da história das joias, que se confunde com a história do homem e seu corpo, como afirma Ana Paula de Campos, em seu curso *Corpo e joia: Aproximações históricas* (2021).

Palavras-chave: corporeidade; corpo fechado; joalheria de peso.

